

Pierre Bourdieu - Gostos de Classe e Estilos de vida

O Autor

- Nascido em 1930, em Denguin, França.
- Neto e filho de pequenos agricultores
- 1954: Graduação em filosofia na École Normale Supérieure
- Lecionou nas mais famosas universidades francesas, como a Sorbonne, no início como professor assistente.
- Seguidor do estruturalismo de Lévi-Strauss, depois seguiu para a sociologia
- Contra a globalização neo-liberal
- Engajado em lutas sociais, defensor dos imigrantes ilegais, dos desempregados, da autonomia intelectual.
- Muito revolucionário, pois numa época em que todo mundo falava que a educação era central para diminuir as desigualdades sociais, ele provou o contrário: a educação auxilia a perpetuar as desigualdades, pois quanto maior for o estudo, maior será o capital social e a conseqüente afirmação de diferenças de status e estilos.

- **Objetivo do texto**: Discutir a idéia de HABITUS e mostrar como as diferentes posições no espaço social correspondem a diferentes estilos de vida, pois são produto de um mesmo operador simbólico, que é o Habitus.
 - ***Habitus***: sistemas de comportamento e pensamento que exprimem, sob a forma de preferências sistemáticas, as necessidades objetivas das quais ele é produto.
 - O habitus orienta a ação, mas como é produto das relações sociais, ele assegura a perpetuação destas condições que o criaram.
 - O habitus *é uma ação propulsora de esquemas de percepção e de apropriação construídos socialmente.*

- As práticas através das quais os indivíduos marcam e remarcam suas distinções dependem de suas condições econômicas e sociais e da representação simbólica de tais posições.
- O gosto, propensão e aptidão à apropriação material e simbólica de uma determinada categoria de objetos ou práticas classificadas e classificadoras, é a fórmula generativa que está no princípio do estilo de vida.
 - **Estilo de vida** é a forma como as pessoas ou grupos vivenciam a realidade e conseqüentemente fazem suas escolhas.
 - Ou seja, tais esquemas geradores de status são inseparáveis das condições éticas e estéticas, há uma constante relação entre a cultura como produção simbólica e a cultura vivida na prática.
 - O estilo de vida é um conjunto unitário de preferências distintivas que exprimem, na lógica específica de cada um dos subespaços simbólicos, mobília, vestimentas, linguagem, ou estilo corporal, a mesma intenção expressiva, um princípio de unidade de estilo.
 - Assim, os grupos de status dependem do consumo de bens materiais e simbólicos expressos pelo estilo de vida. Portanto, a posse de bens se traduz em consumo simbólico, em signos ou diferenças significantes ⇒ como no totemismo.
 - Cada dimensão do estilo de vida simboliza todas as outras; as oposições entre as classes se exprime tanto no uso da fotografia, quanto no tipo de vinho consumido.
 - A preferência por certos bens culturais funciona como um marcador de classe.
 - Quando o autor analisa a pequena burguesia surgida com a modernidade, ele afirma que tal segmento tenta se diferenciar de outros grupos, como os camponeses e agricultores (que

tendem a adotar uma visão do mundo pessimista e nostálgica), adotando uma visão de mundo progressista.

- O conceito de ***habitus*** aparece na sua obra para descrever o conjunto de disposições que determinam os gostos e caracterizam esta camada social. Ele emprega tal conceito para designar **as disposições inconscientes, esquemas classificatórios, preferências explícitas e evidentes para a noção que o indivíduo tem da adequação e validade de seu próprio gosto por certas práticas e bens culturais.**
- O *habitus* não opera apenas no plano da cognoscibilidade cotidiana, mas está inscrito no **corpo**, manifestando-se no seu tamanho, forma, volume, nos modos de sentar, comer e beber, no grau de estima pelo corpo. Bourdieu chega a afirmar que **"o corpo é a materialização do gosto de classe: o gosto de classe está corporificado"** (Bourdieu, 1974).
- O sentido de um signo é função de sua relação com os outros signos do sistema, assim, o estilo de vida significa também relações de associação ou dissociação no sistema de estratificação. Logo, as formas ou estilos de consumo –por exemplo, das artes ou dos bens materiais – contribui para o conhecimento dos significados atribuídos pelos grupos às suas ações e da própria imagem social do grupo.
- O bar, o lar simboliza todo um aspecto da oposição entre as classes populares e a burguesia.. Refletem suas necessidades de ascensão social e de ruptura com tudo que se associe ao universo repudiado.
- As diferenças sociais se exprimem através de aparelhos simbólicos: quadros caros X posters baratos; adega de vinho X garrafa de groselha na geladeira, etc.
- As diferenças no estilo de vida reside nas variações da distância em relação às necessidades básicas dos indivíduos ou grupos. Ou seja, distância com o mundo concreto da necessidade, de

suas pressões materiais e urgências: os operários, investem mais nos bens de primeira necessidade e preferem espaços limpos e fáceis de cuidar, bem como roupas de corte clássico, que independem da moda.

- Já as classes médias, mais liberadas da urgência, desejam um interior quente, íntimo, confortável, bem como vestuários da moda ou “estilosos”
- As classes privilegiadas vêem tudo isto como natural e necessitam de novos consumos, mais raros e portanto, mais distintivos.

- “As diferentes posições que os grupos ocupam nos espaços sociais correspondem á estilos de vida, sistemas de diferenciação que são a retradução simbólica de diferenças objetivamente inscritas nas condições sociais de existência.
- Os gostos dependem da distribuição das classes: o que é necessário para uma, torna-se banal para a outra e vice-versa, o que para os ricos é banal, para os pobres, é um absurdo, um luxo.
- A disposição estética, ou a contemplação á obras de arte só se constituem enquanto experiências liberadas da urgência, e assim, desembaraçada do mundo da necessidade > expressão “dar-se ao luxo”.
- Quanto mais distante do reino da necessidade, mais estilizado será o gosto e os objetos que o corporificam.
- Nada distingue, com efeito, mais rigorosamente as diferentes classes do que as disposições objetivamente exigida pelo consumo de obras legítimas: carteira Santa Marinella verdadeira X a “falsa” do camelô.
- Admiração aqueles que reconhecem os sinais da marca, as sutilezas que diferenciam o produto verdadeiro do falso.

- A aptidão para pensar objetos quaisquer e ordinários, como um repolho, como belos, e portanto passíveis de uma reprodução artística, como uma fotografia, está ligado ao capital cultural herdado ou adquirido socialmente: só uma minoria julga que qualquer coisa possa ser objeto de uma bela fotografia > Ex: fotografias de Anne Guedes > criança no repolho.
- **Escada que era objeto e arte (era uma "instalação") e foi levada para o depósito por um funcionário da exposição. Mas não se trata de incompetência, mas de adesão a valores diferentes**
- Gosto popular pelos melodramas e histórias com intrigas lógicas e cronologicamente ordenadas e que caminham para um happy end X flash backs e/ou histórias simbólicas e ambíguas (como os filmes "cults")
- As distâncias entre as classes são marcadas também pela **competência** específica que é uma das condições do consumo de bens de cultura legítimos: O número de compositores identificados é função do capital escolar > 16 obras apresentadas: entre as classes populares 0 % identifica doze, 52% de professores identifica-as e 78% dos professores universitários o fazem.
- Para mais da metade das pessoas entrevistadas, a cultura erudita é um universo estranho e inacessível. **Só entre pessoas com superior completo que o sentimento de conhecer as obras legítimas torna-se um atributo estatutário** (e não um privilégio). É quase uma **necessidade**: se a pessoa de fato não for erudita, vai se esforçar ao menos para parecê-lo, para não se sentir diminuída frente aos seus pares.

- Mas há um paradoxo: quanto > a hierarquia social + a verdade do gosto depende do ensino, portanto, da cultura
- Mas, às vezes, há discrepância entre os títulos escolares e o gosto cultural.
- Nasce então a ideologia do “gosto natural” (ou de “berço”): qto > o “gosto de berço” ,maior a legitimidade (já que este foi interiorizado desde a infância) X conhecimento aprendido nos curso. Exs: o gosto é o dom natural de reconhecer e amar a qualidade dos alimentos nobres (gourmet) X gastrônomos (pedantes, mas de mau gosto). Ex tb do concurso de miss universo 2007, dizia-se que a brasileira era a melhor poi tinha berço, não havia aprendido a ter classe em cursos de modelo.

Desapossamento cultural

- Para entender o que Bourdieu quer dizer é preciso antes entender dois outros conceito, que aparece no texto “O campo científico”: de campo e de capital (3º- é o de habitus).
- Conceito do campo: espaço onde se manifestam relações de poder.
- Estrutura-se de acordo com o seu “capital”, neste caso, social.
- Dominantes: são os que mantém maior capital social X dominados: possuem menor “capital social”.Ex: costureiro-artista de uma maison X costureiro de bairro >legitimidades estabelecidas pelos seus pares.

- Em termos gerais, o que acontece é que o **estilo de vida reproduz as diferenças sociais**: os operários estão destituídos dos meios de produção e são destituídos também de capitais sociais, são desapossados da possibilidade de formular os seus próprios fins.
- Segundo Bourdieu, isto não deixa de ser uma forma de racismo de classe, já que o objetivo é perpetuar as diferenças sociais, que por sua vez, se reafirmam nos estilos de vida.

- Estilos de vida chegam a ser um estigma, pois os despossuídos se denunciam até no uso que fazem de seu tempo livre. E são julgados pelas classes dominantes por isso, são vistos como aqueles que “não sabem viver”, “que se amontoam nas praias lotadas”, “que viajam e metem-se em congestionamentos”, enfim, “que fazem coisas de pobre”.
- “aqueles que, por todas estas escolhas mal-inspiradas, confirmam o racismo de classe, se for preciso, na convicção de que não tem senão aquilo que merecem” > perversidade do sistema.
- Alimentação, consumo de bens, viagens, freqüência a museus são construídos através de habilidades sociais (e não de dons inatos) que servem para travar **batalhas diárias, lutas de classe**, por uma via **aparentemente** não agressiva ⇒ são batalhas simbólicas.
- Mas não deixam de ser batalhas, são clivagens sociais, manifestas através de capitais econômicos e capitais culturais
- Bourdieu mostra e procura decifrar **mecanismos de violência simbólica, mecanismos de poder**, que se inscrevem, inclusive, no corpo.
- A própria produção da vida social legitima esta violência simbólica, através dos gostos de classe e dos estilos de vida, ou seja das distinções sociais.

O operário e o pequeno burguês

- Fronteira entre operários e funcionários (pequena burguesia), que se reflete no consumo de bens e nas atividades de lazer.

Operários	Funcionários médios
	35,4%
60,4 % freqüentam mais quermeses e espetáculos esportivos.	49,6%
gastam mais com alimentação	Gastam mais com roupas

A boa vontade cultural

- Na cultura popular, encontramos fragmentos diminuídos da cultura dominante ⇒ Continua no plano da cultura a relação entre despossuídos e possuidores.

- A classe dominante funda a sua dominação no reconhecimento das hierarquias ligadas a títulos escolares e á boa educação.
- Mesmo a fração mais consciente da classe operária permanece profundamente submissa, em matéria de cultura e de língua, ás normas e aos valores dominantes ⇒ sensíveis á própria dominação cultural, numa tentativa de aproximação com os dominantes.
- Já entre a pequena burguesia a coisa é muito mais séria. **A relação com a cultura dominante é o elemento mais característico do estilo de vida da pequena burguesia.**
- A cultura média é definida pelo fato de estar condenada a definir-se em relação à cultura considerada “legítima”, tanto no âmbito da produção quanto no da recepção.
- Por esta razão, está impedida de reivindicar a sua autonomia.
- **Os pequenos burgueses têm uma disposição ávida e ansiosa em relação à cultura de elite, mas esta é uma boa vontade pura, mas vazia.**
- Como é destituída de referências e princípios indispensáveis que vem “de berço”, conduzem os pequenos burgueses à formas **“falsas” de reconhecimento** do que é verdadeiramente considerado de elite ⇒ são denominadas de “fake” ou de “cultura simile” ⇒ fornecem a ilusão de um consumo legítimo ⇒ uma espécie de “pretensão cultural”.

- Daí o crescimento absurdo de “manuais de civilidade” ou de “cursos de etiqueta” em plena época contemporânea, semelhante ao que Nobert Elias retratou na passagem da Idade

Média para a Idade Moderna. Produtos para “civilizar” novos ricos, que possuem capitais culturais ainda pouco consolidados.

- Exs de “boa vontade cultural”: escolha de testemunhos de docilidade cultural, como “escolher amigos que tem educação”, gosto por espetáculos educativos.
- Como são pouco seguros de seus próprios gostos e inclinações, fazem escolhas disparatadas, juntam coisas que não combinam, que jamais seriam juntadas pela elite. Misturam água e vinho no linguajar comum ⇒ gosto pouco seguro do auto-didata.
- Jóias caras com blusas imitando pele de oncinha, quadros de pintores famosos com sofás de chenine, cristais swarowskis com jarras de flores artificiais ou encapsuladas em vidro, óperas com Bruno e Marrone...
- São como cãezinhos tentando agradar á elite.
- Homens: luta permanente pelo prestígio e pela ascensão social.
- E se não der para ser, é preciso ao menos, parecer ser, á la Guy Debord (Sociedade do espetáculo)